



No coração da Igreja Católica, a liturgia sempre foi um sinal visível da unidade dos fiéis em Cristo. No entanto, o *Motu Proprio Traditionis Custodes*, promulgado pelo Papa Francisco em 16 de julho de 2021, provocou uma profunda divisão entre os católicos, especialmente entre aqueles que se sentem profundamente ligados à liturgia tradicional. Este documento, que restringe o uso do Missal de 1962 (conhecido como Missa Tridentina), foi recebido com confusão, dor e até indignação por muitos fiéis e sacerdotes que o veem não como um ato pastoral, mas como uma imposição que parece ignorar a riqueza espiritual e teológica da tradição litúrgica da Igreja.

Neste artigo, examinaremos criticamente o *Motu Proprio Traditionis Custodes*, explorando seu contexto, suas implicações e suas possíveis consequências para a unidade da Igreja. A partir de uma perspectiva católica tradicional, analisaremos se este documento realmente promove a unidade ou, ao contrário, aprofunda as divisões.

O contexto histórico: De *Summorum Pontificum* a *Traditionis Custodes*

Para entender o impacto de *Traditionis Custodes*, é necessário voltar a 2007, quando o Papa Bento XVI promulgou *Summorum Pontificum*. Este documento reconhecia que o Missal de 1962 nunca havia sido ab-rogado e permitia que os sacerdotes celebrassem a Missa Tridentina sem uma autorização especial. Bento XVI buscava curar as feridas causadas pela reforma litúrgica pós-conciliar e promover uma “hermenêutica da continuidade”, ou seja, uma interpretação do Concílio Vaticano II que não rompesse com a tradição anterior.

Summorum Pontificum foi recebido com esperança por muitos fiéis que, após décadas de se sentirem marginalizados, viram nele um reconhecimento da legitimidade de sua espiritualidade litúrgica. No entanto, com *Traditionis Custodes*, o Papa Francisco revoga essas disposições e devolve aos bispos a autoridade para regular o uso do Missal de 1962. Segundo o Papa, essa decisão visa “promover a concórdia e a unidade na Igreja”. Mas será que isso foi realmente alcançado?

Uma decisão controversa: Unidade ou exclusão?

Desde sua publicação, *Traditionis Custodes* tem sido alvo de fortes críticas por parte de muitos católicos tradicionalistas. Esses fiéis argumentam que o documento não apenas limita seu acesso à liturgia que amam, mas também os estigmatiza ao sugerir que sua adesão à



Missa Tridentina é incompatível com o magistério do Concílio Vaticano II. Em sua carta que acompanha o *Motu Proprio*, o Papa Francisco afirma que os grupos que participam da Missa Tridentina “rejeitam a Igreja e seu ensino”. Essa generalização foi percebida como injusta e desdenhosa por muitos fiéis que, longe de rejeitar a Igreja, buscam simplesmente viver sua fé em plena comunhão com Roma.

Além disso, a implementação de **Traditionis Custodes** variou significativamente de acordo com as dioceses. Enquanto alguns bispos aplicaram o documento com moderação, outros usaram essa autoridade para proibir completamente a Missa Tridentina em suas jurisdições. Isso gerou um sentimento de arbitrariedade e deixou muitos fiéis tradicionalistas se sentindo abandonados e perseguidos pela própria Igreja que desejam servir.

Reflexão teológica: O que significa a tradição para a Igreja?

O Catecismo da Igreja Católica ensina que a tradição é “a transmissão viva da mensagem do Evangelho na Igreja” (n. 78). Essa tradição não é um conjunto de ritos fossilizados, mas uma realidade dinâmica enraizada na Revelação divina e expressa na vida da Igreja ao longo dos séculos. A liturgia, como parte essencial dessa tradição, não é simplesmente uma questão de preferência pessoal, mas um meio privilegiado para glorificar a Deus e santificar os fiéis.

Dessa perspectiva, a Missa Tridentina não é simplesmente um “rito antigo”, mas uma expressão profundamente enraizada da fé católica que nutriu gerações de santos e fiéis. Restringir seu uso não apenas limita a diversidade litúrgica da Igreja, mas também parece ignorar o valor espiritual e teológico dessa forma de culto.

Uma crítica à abordagem do Papa Francisco

Um dos aspectos mais preocupantes de **Traditionis Custodes** é seu tom e abordagem. Em vez de buscar um diálogo fraterno com os fiéis tradicionalistas, o documento parece impor uma visão uniforme da liturgia que deixa pouco espaço para a diversidade. Isso é particularmente surpreendente no pontificado do Papa Francisco, que repetidamente enfatizou a importância da misericórdia, da inclusão e do “cheiro das ovelhas”.

Por que, então, o mesmo Papa parece mostrar tão pouca compreensão para com os fiéis que se sentem profundamente ligados à liturgia tradicional? A Igreja, como mãe, não deveria



acolher todos os seus filhos, inclusive aqueles com uma sensibilidade litúrgica diferente? Em vez de promover a unidade, **Traditionis Custodes** exacerbou as tensões e deixou muitos fiéis tradicionalistas se sentindo marginalizados e desprezados.

Consequências pastorais: Quem se beneficia com o Traditionis Custodes?

Do ponto de vista pastoral, é difícil ver como **Traditionis Custodes** beneficia a Igreja. Em vez de curar divisões, o documento criou novas feridas. Muitos fiéis tradicionalistas, sentindo-se rejeitados por Roma, optaram por frequentar capelas independentes ou até mesmo comunidades cismáticas, como a Fraternidade Sacerdotal São Pio X. Isso não apenas enfraquece a unidade da Igreja, mas também coloca em risco a fé desses fiéis.

Além disso, o documento parece ignorar o fato de que a Missa Tridentina tem sido uma poderosa ferramenta de evangelização, especialmente entre os jovens. Em um mundo cada vez mais secularizado, muitos encontram na beleza e solenidade da liturgia tradicional um refúgio e uma fonte de profundidade espiritual. Ao restringir o acesso a ela, a Igreja corre o risco de perder uma geração de fiéis que poderiam ter sido seus melhores evangelizadores.

Conclusão: Um chamado à reflexão e ao diálogo

Traditionis Custodes é, sem dúvida, um dos documentos mais controversos do pontificado do Papa Francisco. Embora sua intenção declarada seja promover a unidade, sua implementação teve o efeito oposto, gerando divisão e descontentamento entre muitos fiéis tradicionalistas. Em vez de impor restrições, a Igreja deveria buscar um diálogo fraterno que reconheça a legitimidade e o valor da liturgia tradicional.

Como católicos, somos chamados a viver em comunhão, mas essa comunhão não pode ser construída sobre a exclusão ou a imposição. Como escreveu São Paulo: “Tende o mesmo amor, o mesmo espírito, as mesmas disposições” (Filipenses 2, 2). Que a Virgem Maria, Mãe da Igreja, interceda por nós e nos guie neste caminho de unidade e caridade, para que, como diz o Salmo 133, “Como é bom e agradável viverem unidos os irmãos!”

Em tempos de confusão e divisão, lembremos que a Igreja é guiada pelo Espírito Santo, que nos conduz à verdade plena (João 16, 13). Que nossa fé não se baseie em disputas litúrgicas,



Traditionis Custodes: Unidade ou ruptura? Uma reflexão crítica sobre o Motu Proprio do Papa Francisco | 4

mas em Cristo, “o mesmo ontem, hoje e sempre” (Hebreus 13, 8).